

ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA ROMANA E MEDIEVAL NO CONCELHO DE VOUZELA

Catarina Tente
IEM – NOVA FCSH
catarina.tente@fcs.unl.pt

Daniel Melo
Câmara Municipal de Vouzela
daniel.branco@cm-vouzela.pt

Ana Beatriz Ferreira
Câmara Municipal de Vouzela
ana.ferreira@cm-vouzela.pt

Resumo

Uma das principais manifestações das comunidades passadas são os rituais e espaços funerários. No atual concelho de Vouzela e em toda a área de Lafões são conhecidos diversos testemunhos destas realidades que datam desde a Pré-História. Conhecem-se igualmente no território vouzelense diversos vestígios funerários romanos e medievais ainda que até há data não se tenha escavado nenhum dos contextos.

Não são muito abundantes as sepulturas e necrópoles romanas, fundamentalmente porque o ritual dominante nessa época foi a incineração e que é mais difícil de detetar os vestígios desses cemitérios. Mas a partir do século IV o ritual vai-se alterando e começam a inumar os mortos. Na Idade Média foram escavadas sepulturas na terra e na pedra. Conhecem-se no concelho algumas sepulturas escavadas na rocha, mas ainda assim em menor números que em outras regiões beirãs.

No presente artigo são apresentados os sítios funerários romanos e medievais conhecidos no concelho, alguns deles já referidos na bibliografia e outros identificados no âmbito do projeto Lafões - Estudo do Património Histórico-Arqueológico de Vouzela.

Palavras-Chave: Necrópoles, sepulturas escavadas na rocha, cemitérios paroquiais, rituais funerários.

Abstract

The funerary manifestations is one of the main manifestations of past communities. In Lafões area in general and in the Vouzela municipality in particular, there are several testimonies of these realities that date back to Prehistory. Several Roman and Medieval funerary remains are known, although none of the contexts has been excavated to date.

Roman graves and necropolises are not very abundant, mainly because the dominant ritual at that time was incineration and it is more difficult to detect nowadays. From the 4th century onwards, the ritual changed, when the burial ritual emerged. In the Middle Ages, burials were excavated in the earth and stone. Some of the graves excavated in the rock are known in the municipality, but still in smaller numbers when compared with other Beira regions.

This article presents the Roman and medieval funerary sites known in the municipality, many of them identified within the scope of the Lafões - Study of the Historical and Archaeological Heritage of Vouzela project.

Keywords: Necropolises, rock-cut tombs, parish cemeteries, funerary rituals.

1. Introdução

No âmbito do projeto Lafões - Estudo do Património Histórico-Arqueológico de Vouzela foi feita uma sistematização da informação publicada e dos sítios referenciados na base de dados Endovelico. A informação recolhida serviu para orientar a relocalização e eventual reavaliação dos sítios referenciados. A prospeção sistemática realizada após o incêndio de outubro de 2017 bem como a prospeção extensiva levada a cabo durante o projeto permitiu a identificação de novos sítios que estavam inéditos (Gráfico 1). Os dados recolhidos e aqui apresentados não se devem por isso a um défice de investigação, mas aproximam-se do que seria a realidade funerária de época romana e medieval que pode ser hoje recuperada.



Gráfico 1 - Proveniência dos dados relativos ao número de sítios com sepulturas e necrópoles identificados no concelho de Vouzela.

Os trabalhos de campo possibilitaram a identificação no terreno de 15 sítios com vestígios de sepulturas classificáveis como romanas e medievais. Não foi possível identificar cinco dos sítios referenciados na bibliografia e estão dados como destruídos três, alguns, como as sepulturas do Outeiro do Moinho situadas em Paços de Vilharigues (Marques, 1999:44) ou a sepultura de Moçâmedes (Girão, 1933:123-124; Figueiredo, 1953: 32; Marques, 2000:177, 1999: 47) cuja destruição estava já referenciada nas publicações e que se atestou também no terreno no decorrer do projeto Lafões. A maioria dos sítios funerários aqui abordados inscreve-se no período pleno e baixo medieval, estando correlacionados com as igrejas paroquiais (oito necrópoles), e apenas dois dos vestígios poderão ser classificados de romanos. Em termos de sepulturas escavadas na rocha, que são uma das manifestações alto medievais mais características da Beira, apenas se identificam seis sítios e que congregam entre uma a três sepulturas.

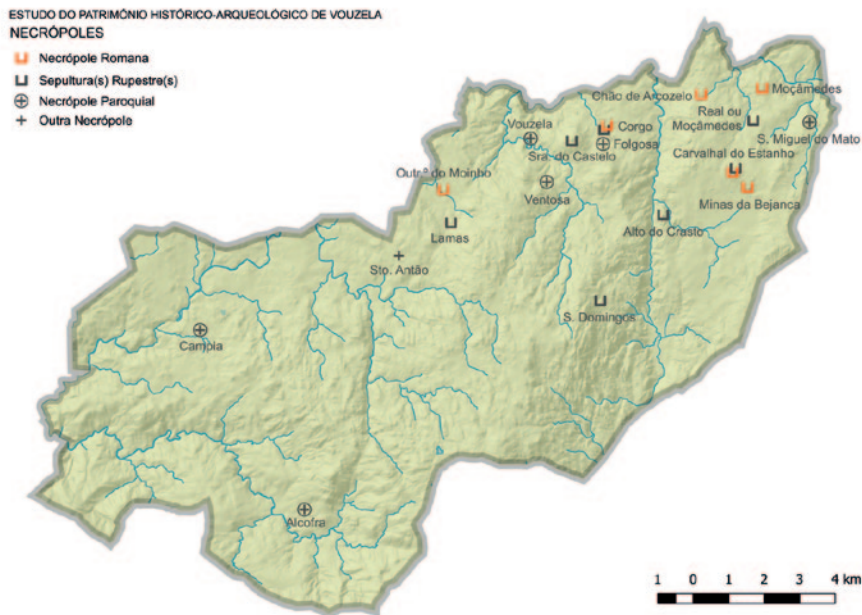


Figura 1 - Mapa com a distribuição dos sítios com vestígios funerários romanos e medievais.

2. Vestígios funerários romanos e tardo-romanos

São muito escassos os dados atuais que apontam para a localização de necrópoles romanas. Tal pode ocorrer porque o ritual funerário romano era o da incineração e não havendo estruturas ou epigrafia associada torna-se particularmente difícil identificar as necrópoles, mas também se deve considerar a possibilidade de os espaços funerários romanos terem sido diminutos no território hoje ocupado pelo concelho de Vouzela. É possível que a maioria da população que ocupava a região durante este período possa ter mantido os seus rituais e locais de enterramento que perduravam ainda da Idade do Ferro.

Os principais vestígios de ocupação romana estão concentrados na Nordeste do concelho em torno dos sítios das Minas da Bejanca e de Carvalhal do Estanho (Figura 1), o que indicia que a ocupação romana deste território estava iminentemente correlacionada com a exploração dos recursos mineiros da região. É precisamente nesta zona que se localizam os vestígios funerários claramente romanos conhecidos até ao momento na região. Curiosamente localizados nas proximidades das Termas Romanas (situadas no limite do atual concelho de S. Pedro do Sul, junto à fronteira deste com o de Vouzela), onde estaria implantada a elite militar e administrativa da região (Real e Tente, 2020).

Nas Minas de Bejanca situar-se-ia uma necrópole do qual proviria uma tacinha em cerâmica recolhida por José Coelho e que é citada também por diversos autores (Correia et al., 1979: 630; Cruz, 1981: 163; Marques, 1999: 37; Vaz, 1997: 171). Os dados são muito escassos pelo que não se sabe se seria uma necrópole de incineração ou uma necrópole mais tardia em que o ritual da inumação já seria dominante.

Na fase final do Império Romano é adotado o ritual de inumação, correlacionável com a progressiva introdução do Cristianismo, o que acarretou uma alteração não só do ritual, mas também das soluções construtivas e arquitetónicas das sepulturas, que passaram então a albergar um corpo e não apenas cinzas.

Há igualmente poucos dados que nos indiquem a localização de necrópoles de inumação tardo-romanas em que as sepulturas eram caixas definidas por *tegulae/imbrices*, por lajes de pedra ou por pedras trabalhadas reaproveitadas de outras construções. Este tipo de sepulturas tornou-se comum a partir do século IV d.C. Até ao século VII alguns grupos sociais menos despojados enterravam junto com os seus defuntos, uma taça ou prato em cerâmica, um pequeno jarro ou pote cerâmico, eventualmente um lacrimário em vidro ou mesmo uma lucerna. Conhecemos em Vouzela o que parece ser uma destas oferendas funerárias. Trata-se da lucerna que hoje se encontra depositada no Museu Municipal de Vouzela (número de inventário MMV 86/77). A mesma ostenta um disco com uma representação antropomórfica (Figura 2) do que parece ser Cristo e assemelha-se às peças produzidas em *Bracara Augusta* (Braga) entre os séculos V e VI. A peça foi oferecida em 1962 pelo Dr. Carlos Alberto Sousa de Almeida ao Museu tendo o seu doador referido que a mesma teria sido identificada nas imediações de Ventosa (informações publicadas na ficha do MMV - Peça do Mês de Janeiro de 2016). É assim plausível que tivesse existido uma necrópole desta cronologia nas proximidades de Ventosa.

Também desta fase deverão ser os vestígios identificados em Fataunços, onde uma sepultura de caixa definida com *tegulae* foi identificada recentemente pelo proprietário do terreno no âmbito de trabalhos que aí levava a cabo.



Figura 2 - Lucerna datável dos séculos V/VI possivelmente identificada nas imediações de Ventosa (fotografia do MMV).

Em Carvalhal de Estanho (Queirã), em redor da atual igreja dedicada a S. Martinho, localizava-se a maior necrópole tardo-romana, e possivelmente romana, conhecida até ao momento no concelho de Vouzela (Alarcão, 1988: 58; Figueiredo, 1953: 32; Marques, 1999: 37, 2000: 177; Real e Tente, 2020: 1630; Vaz, 1997: 170-171). Esta estaria associada ao núcleo romano das minas da Bejanca. Informações orais relatam que nesta necrópole existiam campas construídas com *tegulae*, presumivelmente de cronologia romana, sarcófagos em granito e sepulturas abertas na rocha. Infelizmente a mesma parece estar hoje muito afetada ou mesmo destruída. Pelos dados disponíveis, esta necrópole é a única, que foi até ao momento

identificada, que estaria em uso na fase de transição entre o período romano e o medieval, não sendo possível, contudo, precisar cronologicamente nem a fase inicial da sua utilização nem o seu abandono. O facto de a igreja permanecer neste local pode indiciar uma certa continuidade na sua utilização funerária deste espaço.

Em Figueiredo das Donas, junto da via romana calcetada, existem notícias do aparecimento de vestígios de sepulturas em caixa que tanto podem remontar aos finais do Império Romano como à Alta Idade Média, já que nas proximidades se situaria uma igreja mandada erguer no século XI por um indivíduo de nome Auriasu Cresconis (Real e Tente, 2020: 1639).

3. Necrópoles e sepulturas medievais

Durante a Alta Idade Média, provavelmente ainda coetâneas das sepulturas em caixa feitas com *tegulae* ou outros materiais de tradição construtiva romana, começaram a escavar-se as sepulturas diretamente na rocha. Esta solução de inumação teve tanto sucesso que são hoje um dos principais vestígios arqueológicos conservados daquele período dispersos um pouco por toda a região norte e centro da Península Ibérica. Uma das características únicas do território de Lafões em período alto medieval é a reduzida quantidade de sepulturas escavadas na rocha, o que contrasta significativamente com o restante território da Beira Alta, onde conhecemos centenas de sítios disseminados por toda a região que agregam milhares de sepulturas rupestres. Esta escassez de vestígios pode estar correlacionada com a provável antiguidade dos vestígios funerários rupestres de Vouzela, que eventualmente podem remontar a um período situado entre os séculos VI a VIII. Eventualmente a partir do século VIII ou IX as populações terão começado a procurar eventualmente outras soluções funerárias e outros locais para enterrarem os seus mortos. Não é de descurar que a formação das atuais aldeias, pelo menos de algumas delas, possa remontar a este período.

O surgimento a partir do século IX de diversas igrejas (atestadas quer por vestígios arquitetónicos quer por documentação escrita) terá ditado a progressiva concentração de enterramentos junto a estes novos edifícios de culto. Se assim foi os vestígios podem ter sido ocultados com o crescimento das aldeias. Não se pode, todavia, descurar a possibilidade de outras soluções de enterramento (nomeadamente as escavadas diretamente na terra) poderem ter tido mais sucesso em Lafões do que tiveram que em outras regiões. Ocorre que este tipo de solução funerária só muito raramente pode ser identificado arqueologicamente uma vez que não recorriam ao uso de materiais duradouros (como cerâmica ou pedra) e devido ao facto de nos terrenos ácidos, como são os graníticos, não se conservar o material osteológico.

Como se pode constatar pelo mapa da Figura 1, os sítios com sepulturas escavadas na rocha também se localizam preferencialmente na área Nordeste do concelho de Vouzela, correspondendo à área mais romanizada do território.

Em Lamas (Paços de Vilharigues) duas sepulturas estão escavadas no mesmo afloramento rochoso (Figura 4A), sendo ambas antropomórficas (Marques, 1999: 43, 2014: 55; Real e Tente: 2020: 1630). Este tipo de relações espaciais entre sepulturas escavadas na rocha tem sido interpretado como relações familiares entre inumados, o que se torna difíceis de comprovar devido à não conservações dos restos osteológicos dos inumados.

Visíveis são também as duas sepulturas antropomórficas escavadas lado a lado e que se encontram junto à igreja da Senhora do Castelo (Vouzela). Foi Amorim Girão o primeiro a publicá-las (1921: 5-6; 1933: 123) mas diversos outros autores sequentemente voltam a referenciá-las (Alarcão, 1996: 24; Marques, 1999: 49-50, 2000: 181-181, 2014: 55; Pedro et al., 1994: 144, 1995: 23, Silva, 1986:107; Real e Tente, 2020: 1630; Vaz, 1997: 174-175). As sepulturas da Senhora do Castelo (Figura 4B) encontram-se aparentemente situadas no lado exterior da muralha da fortificação medieval, mas no interior do povoado proto-histórico que aqui foi identificado. A posição no interior de uma área muralhada proto-histórica é partilhada também pela sepultura isolada que foi identificada no interior do castro da Ribamá (Figura 3), que era até recentemente inédita (Real e Tente, 2020: 1630). A localização das sepulturas da Senhora do Castelo pode também ser justificada pela proximidade ao aldeamento medieval correlacionado com o castelo ali existente, mas é igualmente provável que possam ser anteriores à construção deste. Neste caso em particular existe a associação de uma sepultura atribuível a um indivíduo adulto com uma sepultura que terá sido usada para sepultar crianças. Estas associações têm vindo a ser interpretadas como tendo sido escavadas para inumar pessoas com laços familiares próximos, nomeadamente irmãos ou pais e filhos. Apesar de ser tentadora esta leitura e poder estar, provavelmente, próxima da realidade, não será possível comprovar por não se conservarem os vestígios osteológicos dos indivíduos inumados.

Sítio	Nº sepulturas		Conservação	Tipologia	Comp. máximo (cm)	Larg. máxima (cm)	Prof. Média (cm)
Lamas	2	1		Antropomórfica	174	43	12,5
		2		Antropomórfica com individualização dos pés	156	49	31
Outeiro dos Moínhos	?		Destruída	-	-	-	-
Senhora do Castelo	2	1	Partida	Antropomórfica	176	36	41
		2	Inteira sem tampa	Antropomórfica	105	25	31,5
Corgo/Areal	3	1	Inteira sem tampa	Antropomórfica	186	50	38
		2	Destruída?	?	-	-	-
		3	Destruída?	?	-	-	-
Moçâmedes	?		Destruída?	?	-	-	-
Lameirão de S. Domingos	1	1	Partida	Antropomórfica	?	41	11
Castro da Ribamá	1	1	Partida	Não antropomórfica	?	60	41

Tabela 1 - Inventário das sepulturas escavadas na rocha do concelho de Vouzela.

É ainda hoje visível a sepultura antropomórfica escavada (Figura 4C) na rocha localizada no Corgo (Fataunços) e que estará associada, de acordo com vários autores, a mais duas sepulturas (Girão, 1933:123; Marques, 1999: 41, 2000: 176, 2014: 55; Pedro et al., 1994: 140; Real e Tente, 2020: 1630; Vaz, 1997: 168), hoje desaparecidas.

A sepultura do Lameirão de S. Domingos (Figura 4D), localizada junto à Casa do Guarda Florestal em Sacorelhe (Ventosa) encontra-se partida a meio e uma das suas partes foi re-

mobilizada do seu lugar original. A sepultura, que era já conhecida na bibliografia (Marques, 1999: 45, 2000: 178, 2014: 55; Real e Tente, 2020: 1630), encontra-se hoje isolada ainda que haja dados que apontam para que pudesse ter existido mais alguns vestígios associados.

Em Moçâmedes, Amorim Girão (1933:123-124) e Moreira de Figueiredo (1953: 32) referenciam uma sepultura escavada na rocha junto da linha férrea que J. A. Marques já não conseguiu identificar (1999: 47) e que também não foi possível de localizar no âmbito destes trabalhos.

O prematuro processo de edificação de igrejas na região de Lafões a partir do século IX (ver texto referente aos templos medievais neste mesmo volume) terá ditado o desaparecimento de soluções funerárias mais dispersas e não agregadas aos templos. Desde então as comunidades de Lafões devem ter-se progressivamente feito enterrar junto das igrejas, que se constituíram a partir de finais do século XII como igrejas paroquiais. Conhecem-se vestígios dos cemitérios paroquiais pleno medievais que foram identificados junto de algumas das atuais igrejas (Figura 1).



Figura 3 - Sepultura do Castro da Ribamá, Queirã (fotografia de Manuel Luís Real).

Intervenções de meados do século XX realizadas pela Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais na igreja matriz de Vouzela revelaram os vestígios da necrópole medieval que lhe está associada onde foram identificadas algumas sepulturas escavadas na rocha (DGEMN, 1949; Alves, 1985; Almeida, 1986: 111; Marques, 1999: 48, 2000: 179). Estão também referidas 16 estelas discoides, que marcariam à superfície algumas das sepulturas desta necrópole.

No Passal conhecem-se os restos da antiga igreja de S. Miguel de Folgosa (Real e Tente, 2020: 1640) de onde devem provir as quatro estelas discoides e a tampa de sepultura referidas na bibliografia (Marques, 1999: 42; Vaz, 1997: 168-169.)

Junto da igreja de Ventosa encontra-se um sarcófago com inscrição datado da Baixa Idade Média e que é um dos vestígios conservados na antiga necrópole paroquial da Ventosa. Também na antiga paróquia de São Miguel do Mato, na igreja de Campia e na igreja de Alcofra há vestígios de estelas e tampas de sepulturas que remetem para a ocupação medieval dos cemitérios que lhe estavam associados.

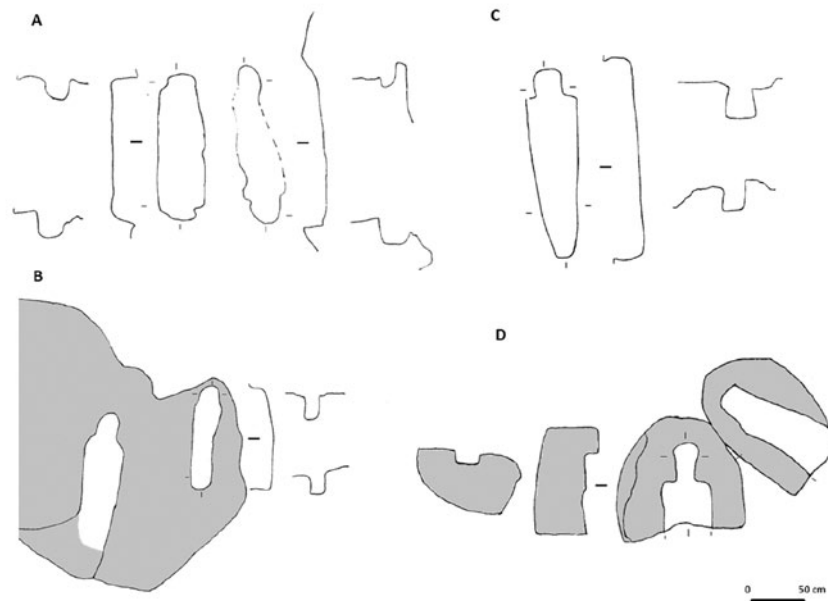


Figura 4 - Sepulturas escavadas na rocha: A- Lamas; B - Senhora do Castelo; C - Corgo/Areal; D- Lameirão de S. Domingos.

4. Conclusões

Apesar do grande avanço significativo no conhecimento do património arqueológico do atual concelho de Vouzela feito nos últimos anos, os vestígios correlacionáveis com o mundo funerário romano e medieval são escassos. Tal não se deve, como já referido, à escassez de investigação, já que a região foi alvo de trabalhos por diversos autores ao longo do século XX e os trabalhos mais recentes realizados foram bastante exaustivos.

As necrópoles e sepulturas de cronologia romana parecem estar restritas à zona que foi mais intensivamente explorada em termos mineiros durante aquele período. Imagem semelhante parece desenhar-se relativamente aos vestígios tardo-romanos e alto medievais, com exceção da sepultura do Lameirão de S. Domingos que se localiza em plena Serra do Caramulo.

No que se refere concretamente às sepulturas escavadas na rocha, a região de Lafões contrasta grandemente com a restante área da Beira Alta. Possivelmente, como mencionado, porque as mesmas podem remontar a uma primeira fase de construção deste tipo de soluções funerárias que se iniciou no século VI, ou seja num momento em que neste território parecem existir indícios de continuidade ocupacional dos espaços anteriormente ocupados em época romana. Não se descarta, porém, a possibilidade de alguma da ocupação alto medieval poder estar ocultada pelas atuais povoações. Efetivamente a região veio a conhecer, pelo menos a partir do século IX, uma mudança estrutural no seu povoamento, momento em que começam a polvilhar o território vários edifícios religiosos de fundação privada (ver artigo sobre os templos cristãos medievais neste mesmo volume) que deveriam estar asso-

ciados ou vieram a associar comunidades de aldeia. As referências documentais situam as igrejas maioritariamente nos locais hoje ocupados pelas atuais aldeias, o que nos dá a percepção de um sistema de povoamento que teve origem na Alta Idade Média. Estes templos agregariam progressivamente não só o serviço eclesiástico, como também um espaço para enterrar os fiéis da comunidade. Provavelmente, é por esta a razão que as sepulturas escavadas na rocha não proliferaram no território, como ocorre na restante Beira Alta, datando as sepulturas escavadas na rocha referidas neste artigo de um momento anterior à proliferação de templos e à aglomeração das populações em aldeias (Real e Tente, 2020). Nas restantes regiões da Beira Alta é muito comum este tipo de sepulturas, que se dispersam por todo o território (Figura 5) e cuja construção perdurou pelo menos até ao século XII e a sua utilização até à época moderna. Em contrapartida as igrejas escassearam e só a partir da segunda metade do século XII ou já no século XIII se vão erguendo templos que são coetâneos da implementação do sistema paroquial. Fora da região lafonense, tem vindo a ser possível correlacionar sepulturas escavadas na rocha com vestígios de habitar, e nesses casos as cronologias têm remetido para um período balizado entre os séculos IX e XI. Ora é exatamente neste período que em Lafões a rede de aldeias e de templos se estava a definir, circunstância que parece ser responsável pela ausência destas soluções funerárias rupestres, que resultam em larga maioria de soluções de cariz familiar (Tente, 2017). Só na área concelhia actual de Vouzela estão documentados entre os séculos X e XI (por informação documental ou através de vestígios materiais) cerca de uma dúzia de igrejas (Real e Tente, 2020). Uma das consequências destas alterações terá sido o aumento do controle que as elites locais (e eventualmente novas elites externas) exerceriam junto das comunidades, alterando as suas formas de vida e os seus hábitos religioso/funerários. A partir de então surgirão neste território aquilo que poderíamos denominar de cemitérios proto-paroquiais, já que se constituem num momento anterior à implementação do sistema paroquial, que só se veio a efetivar a partir de finais do século XII e no século XIII. Estes estarão na origem dos cemitérios paroquiais medievais de que hoje ainda há vestígios em diversas igrejas do concelho.

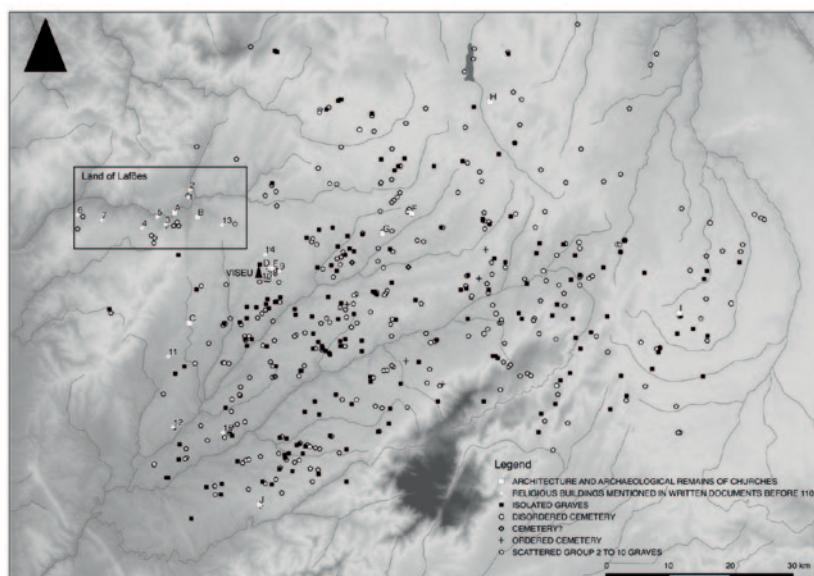


Figura 5 - Mapa da região beirã com distribuição dos sítios arqueológicos onde se identificaram sepulturas escavadas na rocha. Encontra-se destacado a região de Lafões onde se representaram igualmente as igrejas mencionadas na documentação anterior a 1100 (Tente, 2017).

Agradecimentos

Os nossos agradecimentos ao Dr. Manuel Luís Real, ao João Rocha e ao Luís André Pereira pelos trabalhos de prospeção e registo realizado e que levaram à localização e identificação de muitos dos vestígios arqueológicos aqui mencionados.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*, II, Aris & Phillips Ltd.
- ALVES, A. (1985) – *Igreja matriz de Vouzela*. Vouzela.
- CORREIA, A., SILVA, C. T., VAZ, J. I. (1979) – Catálogo da Coleção Arqueológica “Dr. José Coelho”, *Beira Alta*, XXXVIII: 3, p. 605-638.
- CRUZ, A. J. C (1981) – Os “Cadernos de Notas Arqueológicas” do Dr. José Coelho e a sua coleção arqueológica, *Beira Alta*, XL:1, p. 157-165.
- DGEMN (1949) – *Igreja Matriz de Vouzela*. *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, vol. 56, Porto.
- FIGUEIREDO, M. (1953) – *Subsídios para o estudo da viação romana as Beiras*, *Beira Alta*, XII: 1, p. 27-63.
- GIRÃO, A. A. (1921) – *Antiguidades pré-históricas de Lafões: Contribuição para o estudo da arqueologia portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- GIRÃO, A. (1933) – Sepulturas antropomórficas abertas na rocha, in *Homenagem a Martins Sarmiento. Miscelanea de estudos em honra do investigador vimaranense no centenário do seu nascimento (1833-1933)*. Guimarães: SMS, p. 122-124.
- MARQUES, J. A. M. (2000) – *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*. Viseu.
- MARQUES, J. A. M. (1999) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vouzela*. Câmara Municipal de Vouzela.
- MARQUES, J. A. M. (2014) – *Lafões. História e Património*. Viseu: Edições Esgotadas.
- PEDRO, I., VAZ, J. I., MARQUES, J. A. (1994) – *Roteiro Arqueológico da região de turismo Dão Lafões*. Viseu.
- REAL, M. L.; TENTE, C. (2020) – A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela, in *Arqueologia em Portugal/2020 - Estado da questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, p. 1627-1640.
- TENTE, C. (2017) – Rock-cut graves and cemeteries in the medieval rural landscape of the Viseu region (central Portugal), in THEUNE-VOGT, C.; BIS-WORCH, C. (eds.) – *Ruralia XI Conference: Religious places, cult and rituals in medieval rural environment*, Leiden: Sidestone press, p. 215-226.
- VAZ, J. I. (1997) – *A Civitas de Viseu- Espaço e Sociedade*, Coimbra.